

Um sussurro de esperança: literatura e psicanálise em diálogo

Mirian Malzyner^[1]

RESUMO: Este artigo é uma expansão de um texto apresentado na VI Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto, em que a autora dialoga com a obra de Noemi Jaffe. Destaca elementos de interesse para a clínica psicanalítica como a hospitalidade, o tempo, os objetos, as raízes e o exílio. Trata da importância da linguagem como principal recurso do analista. O anseio de expressão acompanha o anseio de ser transformado pela experiência. As artes e a literatura, em especial, enriquecem o repertório de metáforas que ressoam as experiências sensoriais e afetivas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, psicanálise, linguagem metafórica, hospitalidade, objetos

1. Psicóloga e psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Pretendo neste texto, a partir da minha participação na VI Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto, expandir as ideias que surgiram no meu diálogo com a obra de Noemi Jaffe, trazendo aspectos da ética e da linguagem na psicanálise clínica. Conversamos na ocasião sobre o tema “Um sussurro de esperança”, inspirado no título de um livro de Noemi Jaffe (*O que ela sussurra*, 2020). O diálogo com as artes e a literatura se apresenta cada vez mais como a melhor fonte de nutrição para mim, como pessoa e como psicanalista – na verdade, hoje psicanalista e pessoa são indissociáveis.

O livro *O que ela sussurra* trata da história da russa Nadejda Mandelstam, mulher do importante poeta Ossip, que foi perseguido e morto pelo regime Stalinista. Para que os poemas do marido não desaparecessem, Nadejda passa a sussurrá-los para sempre. Ela, assim como outras mulheres russas, sussurra as palavras do marido que foi calado e, assim, preserva a memória e a cultura que chegam até nossos tempos.

Eu já havia lido o livro *Lili: novela de um luto* (Jaffe, 2021), em que a autora relata com sensibilidade o luto pela perda de sua mãe. Há uma escolha por viver o luto sem querer amenizá-lo, um mergulho nas dores da perda e da separação, em particular dessa que acredito ser a mais complexa das relações complexas – a relação mãe e filha.

Para me preparar para a mesa da bienal, fui ler *O que ela sussurra*, um livro denso, a princípio, difícil, que não me capturou de imediato. Procurei então saber mais sobre a Noemi. Assisti a entrevistas no YouTube e procurei saber de onde ela tirou essa ideia de escrever sobre a Nadejda. Fico sabendo que o livro faz parte de uma trilogia. Noemi escreveu outros dois livros sobre mulheres, perseguição, guerra, exílio.

Vou atrás. Li *O que os cegos estão sonhando?* (Jaffe, 2012) e fui completamente tomada de emoção. Quanta profundidade e coragem de esmiuçar detalhadamente, num trabalho de formiga, a lógica e a estrutura do terror nazista. Movida pela dor, Noemi vai olhar no olho do medo. Novamente, a relação primordial mãe e filha. Como é ser filha de uma sobrevivente de Auschwitz? Noemi fala da tentação de ter estado no lugar da mãe, salvar a mãe. Ter

uma mãe que sofreu é uma falha histórica, uma inversão torta, que deixa nos filhos uma pequena culpa, uma pequena falta, um sonho ou um pesadelo que se carrega durante o dia, que impede e ao mesmo tempo estimula a vida. (p. 115)

Também senti essa pressão de acalantar a mãe de Noemi e todos aqueles que ela representa. Libertar para poder viver sem a pedra.

Um dos episódios relatados pela mãe que sobreviveu fala de um impensável castigo em que uma pedra pesada teve de ser carregada um dia inteiro sobre a cabeça e estando ajoelhada no cascalho. Essa pedra simbólica que pesa sobre nossas cabeças, denunciando o esquecimento da condição humana, tirando o eixo da dignidade, pedindo uma restauração do éthos humano.

Existe um memorial, composto de inúmeros pequenos memoriais, que se chama Stolperstein (Pedras do Tropeço, em tradução livre). As “pedras do tropeço” se tornaram o maior memorial descentralizado do mundo dedicado a vítimas do regime

nazista. Mais de 70 mil pedras já foram instaladas. São pedras de concreto com uma placa de latão, fixadas na calçada em frente à última moradia (ou local de trabalho) das vítimas. Nelas está escrito algo como: “aqui morava” + o nome da pessoa e a data de nascimento + “foi deportado para...”, “foi assassinado...”, “humilhado e difamado”, “cometeu suicídio” etc. + data. O artista berlinense Gunter Demnig concebeu uma forma que se espalha pela Europa criando uma visitação forçada. As pessoas “tropeçam” na memória e são de certa forma obrigadas a se inclinar para ler, reverenciando a vítima. Resgata-se o nome, em oposição à classificação de pessoas em números.

De alguma forma, somos todos filhos da perda dos valores humanos fundamentais, assim registrados com rigor científico pela máquina nazista. É possível transformar a frieza dos números em sussurros poéticos?

Ou, nas palavras da poeta Alejandra Pizarnik, na epígrafe de *O que ela sussurra*: “uma tribo de palavras mutiladas busca asilo em minha garganta” (citada por Jaffe, 2020).

Diz Noemi:

Se poemas fossem capazes de mudar o mundo, não seriam poemas, mas máquinas. Sua força está em sua incapacidade, seu movimento instantâneo de dúvida, um deslocamento da pálpebra, uma ausência despercebida que vem se instalar na alma de forma mais duradoura. Os vencedores sabem disso e por isso nos odeiam e temem, porque conhecem o perigo dos mínimos deslocamentos... (Jaffe, 2020, p. 25)

Por que se queimam livros e se matam poetas?

Entre os monumentos do período nazista, um dos mais instigantes é aquele localizado na Bebelplatz, em Berlim, feito pelo israelense Micha Ullman. No chão, uma sala subterrânea, exposta através de um vidro, com várias prateleiras brancas e vazias, onde caberiam 20 mil livros. Duas pequenas placas no chão lembram que exatamente ali, em maio de 1933, foi erguida uma imensa fogueira de livros na qual principalmente estudantes nazistas queimaram milhares de livros. O ato é emblemático do início da tomada do poder pelos nazistas e da política totalitária que ali se iniciava.

O memorial provoca a olhar para baixo e para dentro. A radical ausência com que se depara ali se aproxima dessa ausência do extermínio das pessoas, de seus autores, leitores, estudantes, professores, das pessoas que viviam junto aos livros e lhes davam sentido. O espaço negativo procura articular a ambivalência contida na pergunta: como cultivar a memória daquilo que queremos esquecer?^[2]

Junto ao monumento pela destruição dos livros, a célebre frase do poeta Heinrich Heine escrita em 1821: “quando se começa a queimar livros acaba-se queimando pessoas”.

A prosa de Noemi tem jeito de poesia, tem jogo e brinquedo. Ela inclui o paradoxo e não procura resolvê-lo. É um discurso aberto para incluir o avesso do avesso. A arte é o campo da transicionalidade, tal como formulado por Winnicott (1952/1975). Na dança do tempo, presente, passado e futuro se entrelaçam e pouco importa a

2. Para mais discussões a respeito desse memorial, ver Malzyner (2021).

linearidade. A pedra do passado pesa e faz sombra sobre o presente e pode anular o futuro. Sem passado, não pode haver futuro.

Fazendo um parêntese, quero esclarecer que a partir daqui meu diálogo com a prosa da Noemi foi se tornando fluido e estou misturando passagens e falas das personagens e destacando alguns temas que considero especiais, como o tempo, a hospitalidade, o exílio, as raízes, os objetos.

Noemi gostaria de “furar o tempo e salvar a mãe”. Nadejda diz que engana a passagem do tempo: “como o tempo precisa de ar para passar, como é pelo ar que ele se movimenta, atravanquei-o todo com palavras sussurradas e ele parou” (Jaffe, 2020, p. 12). “Os poemas que memorizo me levam para um passado que fica no futuro...” (p. 18). “Jamais gostamos da palavra progresso, praticamente impingida como obrigação e promessa; preferíamos a história e seu tempo que passa para todos os lados, não só para frente” (p. 19).

Na prosa de Noemi tudo pode ser e não ser, nada está preso em um rótulo estático. As palavras vivas abrigam múltiplos sentidos. Não resistir pode ser uma forma de resistência? Conformar-se é uma forma de exercer poder? Humilhar-se ou deixar-se humilhar é uma sabedoria, um conhecimento? Fugir, essa palavra mal compreendida, também pode ser ficar? “Fugir é o lugar do homem e até ficar tantas vezes é fugir” (Jaffe, 2015, p. 15).

Agora já sou mais íntima da Noemi; ela é a minha Nadejda. Ela sussurra histórias de mulheres. Ela inventa histórias de mulheres que poderiam ser eu. Como ela, também me pergunto como seria se fosse comigo. Vou ao encontro do terceiro livro (na minha ordem de leitura), *Írisz: as orquídeas* (Jaffe, 2015). Agora ela me dá um refresco. Que delícia de brincadeira com a língua húngara. Estudar as flores, as orquídeas e suas raízes aéreas, dá uma certa leveza para a condição do exílio. A guerra não tem a menor graça, mas a Írisz da Noemi é uma graça. Írisz foge da revolução e encontra asilo no Jardim Botânico de São Paulo, onde estuda as orquídeas. No lugar do desenraizamento, condição de perda de referências, as orquídeas têm raízes aéreas.

Diz Noemi: “A hospitalidade é a virtude máxima, mais importante até que a liberdade ou a justiça, porque reúne as duas ... Num regime opressivo, a hospitalidade é logo uma das primeiras coisas a desaparecer...” (Jaffe, 2020, p. 79).

É da condição humana nascermos no exílio, em trânsito de um território para outro. Faz parte das necessidades fundamentais do ser humano ser acolhido por um Outro que o reconhece como um “bem”. Essa relação primária de acolhimento em perfeita sintonia, que reconhece a singularidade de cada um, sedimenta o eixo básico de dignidade na constituição do ser. Faz parte de valores éticos básicos. Ser jogado na invisibilidade, não ser reconhecido, é perder o lugar. Por que ou como alguns sobrevivem em condições que anulam qualquer vestígio de humanidade? Írisz estuda as orquídeas, as espécies que sobrevivem em ambientes hostis, procura as raízes que voam.

Nadejda conta como foi apaixonar-se por um tapete em tempos de fuga e miséria completa. Um tapete bordado em cores e texturas contando histórias de

uma caçada na floresta. A enorme tentação de comprar o tapete, sem ter a menor condição de pagar. “Havia uma urgência em ter, ter aquele tapete, no qual nós não pisaríamos, mas que contemplaríamos como a permanência da verdade e como um consolo. ... arte abraçando a nós e a tudo...” (Jaffe, 2020, p. 83).

Safra (2004) é um autor que estuda questões do desenraizamento no mundo contemporâneo e indica a importância das coisas para o ser humano e, em especial, na cultura russa. A palavra que designa coisa em russo é “*veshch*”, cuja etimologia remete ao significado de mensageiro, de profecia. “A coisa é mensageira do Outro, mensageira do Ser. A coisa é ícone do trabalho humano, ela conta uma história, memória presentificada que permite o ser humano se reencontrar por meio do tocar, do olhar e do convívio com elas” (p. 89). “As coisas preservadas em sua ontologia curam o homem” (p. 90). Winnicott (1952/1975) percebeu a importância dos objetos transicionais no desenvolvimento da criança. São as primeiras escolhas, que envolvem cor, textura, forma. São presença humana que prestam ajuda fundamental no ser separado no mundo. Todo o campo da cultura é uma extensão dos primeiros objetos transicionais. Adélia Prado (1991, citada por Safra, 2004) diz: “toda coisa é morada da poesia” (p. 91).

O tapete não adquirido pelo casal Ossip/Nadejda tem a marca do objeto lírico, de registro poético. Eles o possuíram na imaginação. Diz Nadejda: “não ter tido o tapete é um resumo do que foi a minha vida. Tive tudo e nada, ainda tenho, não tenho mais” (Jaffe, 2020, p. 85).

Por um momento o objeto-tapete contém e sintetiza a hospitalidade, restabelece o lugar de dignidade. Sem as coisas, restam os sussurros. Os sussurros atravessam os tempos para se transformar num futuro em livro-coisa, parte do mundo compartilhado, que tem um valor de resgate fundamental do humano. Os livros são “duros como o diabo” (Jaffe, 2020, p. 61), duros como a pedra portadora de verdades acontecidas, sussurradas, imaginadas...

Uma imagem das artes plásticas que para mim é altamente evocativa é uma pintura do artista Marc Chagall, que nasceu em 1887 e morreu em 1985, portanto contemporâneo de Nadejda (1899-1980). A obra é *Autour d'elle*. É uma imagem de luto. Chagall vivia o luto pela perda do grande amor da sua vida, Bella. A história do casal passa pelas duas guerras mundiais com extensos períodos de exílio. Bella morre nos Estados Unidos pouco tempo depois que lá chegaram, fugindo da perseguição nazista na época da ocupação da França. Quatro anos depois, Chagall pinta *Autour d'elle*.

Henry Miller, o escritor, dizia que Chagall era um poeta com asas de pintor. Poderia se dizer que a pintura de Chagall é parente da literatura. Chagall também escreveu poemas, sempre em iídiche, língua falada pelos judeus na diáspora. O iídiche seria a língua do íntimo. Em cada quadro é como se ele abrisse uma valise da memória colocando fragmentos da história. Muitos personagens voam – possível referência à condição exilada. Memórias da infância e de Vitebsk, a pequena vila onde nasceu na Rússia e de onde partiu para estudar arte. Num dos seus poemas, ele diz:

Só é meu
O país que trago dentro da alma
...
Só é meu
O mundo que trago dentro da alma.
(citado por Bandeira, 1965/1993, pp. 380-381)

Os elementos são colocados na tela como num sonho; o olhar pode passear pela tela em todos os sentidos. Vemos pintor e sua paleta, Bella, a vila da infância, o casal enamorado que voa enlaçado por um véu branco que deixa um rastro luminoso, uma figura acrobática de cabelos cor de fogo, a pomba que traz uma vela, janelas ao fundo. A vila da infância numa nostálgica bola de vidro. O pintor tem a cabeça invertida, como em muitas telas de Chagall. Aqui ele segura a paleta; em outras de suas obras, segura um livro. Uma equivalência entre a paleta e o livro. Imagem e palavra são portadoras da luz que ilumina o mundo para criar poesia, representada talvez pela pomba que carrega uma vela acesa. O candelabro com a vela também remete ao luto pelos mortos. Mas na poesia, vida e morte, luz e escuridão se encontram no espaço, borrando fronteiras. Esse é o mundo de Chagall, que ultrapassa fronteiras buscando união, integração. O azul dominante traz o infinito, aquilo que vai além.

Noemi diz que que “quem tem a benção de pensar em poemas não cria poemas, os reconhece na natureza, na frase dita por alguém, no som de um sino ou apito de fábrica ... Antes dos lábios, já nascera o sussurro...” (Jaffe, 2020, p. 88).

O artista tem a sensibilidade de captar e traduzir em imagens aquilo que está no ar, muitas vezes se antecipando ao seu tempo.

Ética e linguagem na clínica psicanalítica: o tempo, a hospitalidade, o exílio, as raízes, os objetos

Como sempre ocorre no contato com a arte embebida em verdade, ao mergulhar na prosa ficcional de Noemi Jaffe, encontrei afinidades e identificações. Natureza humana revelada na ficção abre caminho para refletir questões do cotidiano da clínica psicanalítica.

Na clínica recebemos pessoas e nos colocamos disponíveis para um encontro humano cujo potencial transformador é imenso. Abrimos espaço para o desvelamento da pessoa, suas feridas abertas e/ou as marcas que não se apagaram com o tempo. Cada pessoa, uma história singular, uma complexidade articulada em camadas de diferentes texturas. Demanda tempo dilatado e paciência para que as vozes silenciadas ou os gritos incontinentes possam ser ouvidos, reconhecidos e validados. O encontro analítico é íntimo, privado. Como analistas, somos a principal e única testemunha que pode atribuir sentidos de realidade ao que muitas vezes se apresenta como sintomatologia fantasmagórica ou, dizendo de outra forma, excentricidades que podem ser banalizadas por uma escuta pouco sensível.

As violências perpetradas nas guerras e perseguições às minorias e os desmandos dos regimes autoritários e despóticos aparecem na clínica. A história é patrimônio comum. Dividimos heranças que têm repercussões na história de cada indivíduo em particular. O microgrupo familiar repercute o macrogrupo social. Desde o início da vida podem ocorrer microtraumas que criam condições para uma alienação do si mesmo. As experiências que não passam pelo acolhimento de um outro que esteja em sintonia com necessidades e valores básicos que fundamentam a construção de um self integrado geram um self fragilizado e um estreitamento da relação criativa com o real.

Buscar meios de expressão e aprimorar a linguagem de acesso à intimidade é nosso ofício. Episódios de violência e humilhação precisam ser reconhecidos e validados pelo olhar humano que acolhe. Um valor básico é a hospitalidade. Transformar as experiências em linguagem viva a partir da experiência emocional da dupla analítica facilita a apropriação pelo eu e a integração das várias camadas de história pessoal. Como no exemplo do memorial das Pedras do Tropeço, a “pedra-que-castiga” se transforma em “pedra-da-dignidade”. Pelas transformações em sonhos compartilhados, criam-se espaços transicionais que funcionam como memoriais, onde o luto e a dor podem ser vividos e recriados, ganhando um lugar e um sentido. Dar sentido é colocar em movimento os significados, colocando um vetor que se abre para o futuro. Portanto, o tempo da análise é o tempo transicional, não é um tempo linear ou lógico.

O trabalho cuidadoso de uma análise costura a memória na alma. É um trabalho de integração pelo acolhimento do que foi cindido, reprimido, apagado. Às vezes, encontrar meios de transformar o que não pode ser esquecido, dar novas destinações para sair de repetições estereis. “A necessidade de lembrar e o desejo de esquecer” (Malzyner, 2021) são vetores em direções opostas que precisam de reconhecimento e validação. O paradoxo não se resolve. Construimos espaços de memória e coletamos/criamos os objetos significativos que condensam elementos estruturantes da história pessoal. Com cada paciente constrói-se um elenco de objetos únicos, imagens de filmes ou livros, pinturas, paisagens reais ou inventadas. Um acervo particular de cada par analítico.

O tapete tão desejado e não possuído de Nadejda é muito expressivo de uma falta que não pode ser suprida. É a marca do negativo, do vazio. A trama do tapete seria uma esperança de incluir o vazio numa trama de laços e enlaces. É pela forma que os afetos veiculados podem ser transformados. Arte é dar uma forma aos sentimentos. A literatura faz isso. A psicanálise também.

Encontro uma perspectiva bem interessante enfocando a relação da psicanálise com a crítica literária no livro *O ouvido do analista e o olho do crítico* (Ogden & Ogden, 2014). Fazendo uma crítica das tentativas de aplicação de conceitos psicanalíticos aos textos literários, os autores enfatizam a importância de levar em consideração o que realmente constitui a experiência da prática psicanalítica:

prestar atenção aos efeitos da linguagem e a outras formas da expressão humana, o interesse na relação entre o uso da linguagem e as tentativas do indivíduo de se exprimir e de se compreender, sua dimensão terapêutica, seu modo de compreender o inconsciente, tanto como fenômeno individual como intersubjetivo, e seu uso das qualidades de vitalidade (*aliveness*) e de desvitalização (*deadness*) da linguagem como medida do status quo de uma análise num dado momento. Essas qualidades da prática real da psicanálise parecem proporcionar um contexto teórico e de vivência único e inestimável para ler e responder à literatura. Queremos dizer que a crítica literária é uma forma de ler e de escrever que provém mais desses atributos da prática do que da teoria psicanalítica. (p. 24)

Não é minha pretensão fazer crítica literária, mas ao aprofundar o conhecimento da linguagem de um autor percebo aproximações que intensificam a intimidade com formas de expressão mais adequadas a tudo que diz respeito às dores e às delícias da vida humana.

Acrescento ainda uma outra citação dos mesmos autores:

No *setting* psicanalítico, analista e paciente se comprometem no esforço de falar um com o outro de maneira que se adeque à tarefa de criar/transmitir a sensação de como é para o paciente estar vivo em um dado momento. Acreditamos que para isso ocorrer o analista precisa estar em sintonia com o que o paciente faz com a linguagem, assim como o que ele é incapaz de fazer. A linguagem não é simplesmente um meio de expressão do self; é integrante da criação do self (que é um processo de constante, momento a momento). No *setting* analítico, com seu foco na conversa como principal meio de comunicação, o uso da voz e da linguagem está entre as principais maneiras com que os indivíduos trazem existência a si próprios, “vêm à vida”. Para o paciente, a voz é um meio de experimentação, tanto intencional quanto não intencional, com diferentes formas de individualidade, e para o desenvolvimento de um senso de self mais amplo e mais vital. (Ogden & Ogden, 2014, p. 34)

Na análise há um predomínio da linguagem verbal, ainda que não seja a única forma de expressão. O analista está atento também à linguagem não verbal e às formas de comunicação intuitivas, usando ao máximo sua percepção. A arte em geral e a literatura em particular oferecem um repertório de metáforas, imagens que ressoam a experiência sensorial. “O poeta, ou talvez todo artista, está engajado em cantar ou louvar o mundo, para trazê-lo à vida. Ele cumpre essa tarefa encontrando formas que, nas palavras de Winnicott, ‘refletem o que está lá para ser visto’” (Wright, 2009, p. 65, tradução livre).

Se a linguagem é nosso principal meio de expressão, é importante afinar nosso instrumento. O anseio de expressão acompanha o anseio de ser transformado pela experiência, e as palavras são poderosas. Palavras podem matar e podem fazer nascer, apontar para o novo.

Noemi Jaffe (2023), no livro *Escrita em movimento*, destaca a importância da forma com que se transmite uma ideia. Uma nova ideia ou uma maneira nova de transmitir uma velha ideia podem trazer o espanto.

O espanto, ou *thauma* em grego, é um dos motores da filosofia e da arte. É o espanto diante de algo que desperta o desejo de conhecer, inventar e imaginar o que não existe. Espanto é curiosidade, indagação e capacidade de ir além daquilo que o mundo apresenta em seu estado de normalidade e convenção. (p. 27)

Trata-se de recuperar a resistência das palavras, que é livrá-las do uso gasto, do clichê, do jargão. Poeticamente, “resgatar espantos sequestrados” (Jaffe, 2023, p. 27).

Un susurro de esperanza: diálogo entre la literatura y el psicoanálisis

Resumen: El presente artículo es una ampliación del texto presentado en la VI Biental de Psicoanálisis y Cultura de la ciudad brasileña de Ribeirão Preto, en el que la autora dialoga con la obra de Noemi Jaffe. Se destacan elementos que son interesantes para la clínica psicoanalítica tales como la hospitalidad, el tiempo, los objetos, las raíces y el exilio. Se refiere también sobre la importancia que tiene el lenguaje como principal recurso del analista. El anhelo de expresión acompaña al deseo de ser transformado por la experiencia. Las artes y, especialmente, la literatura enriquecen el repertorio de metáforas que resuenan en las experiencias sensoriales y afectivas.

Palabras clave: literatura, psicoanálisis, lenguaje metafórico, hospitalidad, objetos

A whisper of hope: a dialogue between literature and psychoanalysis

Abstract: This article expands on a text presented at the VI Biennial of Psychoanalysis and Culture of Ribeirão Preto, where the author engages in dialogue with Noemi Jaffe's work. It highlights elements of interest to psychoanalytic practice, such as hospitality, time, objects, roots, and exile. The article emphasizes the importance of language as the analyst's primary tool. The yearning for expression accompanies the desire to be transformed by the experience. Arts, and literature in particular, enrich the repertoire of metaphors that resonate with sensory and affective experiences.

Keywords: literature, psychoanalysis, metaphorical language, hospitality, objects

Referências

- Bandeira, M. (1993). Um poema de Chagall. In *Estrela da vida inteira* (20a ed., pp. 380-381). Editora Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1965)
- Jaffe, N. (2012). *O que os cegos estão sonhando?*. Editora 34.
- Jaffe, N. (2015). *Írisz: as orquídeas*. Companhia das Letras.
- Jaffe, N. (2020). *O que ela sussurra*. Companhia das Letras.
- Jaffe, N. (2021). *Lili: novela de um luto*. Companhia das Letras.

- Jaffe, N. (2023). *Escrita em movimento: sete princípios do fazer literário*. Companhia das Letras.
- Malzyner, M. (2021). Sobre memoriais: a necessidade de lembrar e o desejo de esquecer. *Bergasse 19*, 11(2), 45-56
- Ogden, B. H., & Ogden, T. H. (2014). *O ouvido do analista e o olho do crítico: repensando psicanálise e literatura* (T. M. Zalcberg, Trad.). Escuta.
- Safra, G. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. Editora Idéias & Letras.
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (pp. 13-44). Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Wright, K. (2009). *Mirroring and attunement: self-realization in psychoanalysis and art*. Routledge.

Mirian Malzyner

Endereço: Rua Purpurina, 155, conj. 67, Sumarezinho. São Paulo/SP.

CEP: 05435-030

Tel.: (11) 99103-2022

E-mail: mimalzyner@gmail.com